aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

ENTRE O BÚFALO E A VOZ: A DESPALATALIZAÇÃO NO FALAR MARAJOARA SOB A LENTE DO ALIB

BETWEEN THE BUFFALO AND THE VOICE: DEPALATALIZATION IN MARAJOARA SPEECH THROUGH THE LENS OF ALIB

https://doi.org/10.63330/armv1n2-006

Submetido em: 24/04/2025 e Publicado em: 25/04/2025

Ana Vitória Dias Lima
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: vituria@outlook.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7382-1120

Andreluza de Fátima da Silva Pombo
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: andreluza42@gmail.com

Andreia Pacheco de Almeida
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: andreia.p.almeida2025@gmail.com

Cindy Izabelle Hage Pantoja
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

Elizete Ferreira Morais Barbosa
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: prof.elizetemorais@gmail.com

Luan Xavier de Souza
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: luanletras@gmail.com

Thais da Silva Moraes
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA).
E-mail: tmoraes.bml@gmail.com

RESUMO

O trabalho em questão é um registro do fenômeno da despalatização encontrado na fala dos sujeitos moradores do município de Ponta de Pedras, pertencente à Ilha do Marajó, no estado do Pará. Nessa perspectiva, o presente estudo é pautado no domínio de três áreas da ciência da linguagem – dialetologia, sociolinguística, fonética e fonologia. A partir disso, objetivou-se realizar a descrição e a análise fonético-fonológica da despalatalização encontrada nos dados obtidos. Para isso, utilizaram-se como referencial teórico os estudos de Bagno (2001; 2007; 1999), Ferreira e Cardoso (1994), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1983), Tarallo (1988) e Razky (1998). Do ponto de vista metodológico, trata-se um estudo de natureza descritiva em que a amostra é composta pela estratificação de 16 colaboradores selecionados a partir dos critérios: sexo, nativos da localidade, pertencentes à faixa etária acima dos 50 anos e escolaridade incompleta. Sob tal perspectiva, os dados para a constituição do *corpus* da análise foram obtidos por meio de questionário fonético-fonológico (AGUILERA *et al.*, 2001), cujas respostas foram transcritas foneticamente e analisadas qualitativamente. Os resultados encontrados apontam 88 ocorrências para o fenômeno da despalatalização da amostra, mais especificamente, nos itens: abelha > abeja; joelho > joeju, dentre outros. A análise evidencia o caráter variacionista e as marcas de identidade dos colaboradores de Ponta de Pedras/PA.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação fonético-fonológica; AliB; Falar ponta-pedrense/PA.

ABSTRACT

The work in question is a record of the phenomenon of depalatalization found in the speech of individuals living in the municipality of Ponta de Pedras, belonging to Marajó Island, in the state of Pará. From this perspective, the present study is based on the domain of three areas of language science - dialectology, sociolinguistics, phonetics, and phonology. From this, the objective was to carry out the phonetic-phonological description and analysis of the depalatalization found in the data obtained. For this, the theoretical studies of Bagno (2001; 2007; 1999), Ferreira and Cardoso (1994), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1983), Tarallo (1988), and Razky (1998) were used as a theoretical reference. From the methodological point of view, it is a descriptive study in which the sample is composed by the stratification of 16 collaborators selected based on the criteria: sex, natives of the locality, aged above 50 years old, and incomplete education. From this perspective, the data for the constitution of the corpus of the analysis were obtained through a phonetic-phonological questionnaire (AGUILERA et al., 2001), whose responses were phonetically transcribed and qualitatively analyzed. The results found point to 88 occurrences for the phenomenon of depalatalization in the sample, more specifically, in the items: "abelha" > "abeja"; "joelho" > "joeju," among others. The analysis highlights the variational character and the identity markers of the collaborators from Ponta de Pedras/PA.

Keywords: Sociolinguistics; Phonetic-phonological variation; ALiB; Speak Pontapedrense/PA.

1 INTRODUÇÃO

A historicidade do Brasil foi e é marcada pelas jornadas – intercultural e linguística – entre as línguas dos colonizadores, africanos e ameríndios, o que reverbera, a princípio, o multilinguismo generalizado. Decorrente desse sistema político, os escravos marcaram o contexto da colonização brasileira devido às circunstâncias socioculturais ocorridas ao longo do itinerário de aprendizagem estigmatizada e conflituosa. O que se compreende como certame de transmissão linguística, hodiernamente, fora fator impulsionador, de suma importância, para a constituição polarizada do português brasileiro (PB).

Partindo do contexto histórico para adentrar o cenário de estudos linguísticos, é fundamental mencionar que, sob esta perspectiva, a língua como fato social não pode ser desprezada, principalmente no que concerne às pressões sociais que se concretizam na língua, isto é, a história de uma língua é a história de seus falantes. A partir disso, tomou-se como questionamento norteador da pesquisa: qual a contribuição das variantes fonológicas ponta-pedrenses para o português brasileiro? Nesse ínterim, compreendeu-se que a língua falada revela seu caráter heterogêneo e ao mesmo tempo homogêneo, haja vista que manifesta a individualidade de cada sujeito.

Assim, tendo como objetivo principal realizar o mapeamento das ocorrências captadas na oratória dos 16 sujeitos selecionados com base nos critérios previamente estabelecidos (ambos os sexos, baixa escolaridade, residentes no lócus da pesquisa e acima de 50 anos de idade), observaram-se semelhanças e disparidades resultantes dessas jornadas, às quais alcançaram todos os níveis do sistema linguístico, bem como a mudança linguística, que é uniforme. Além disso, destaca-se que tal pesquisa – embasada nos pressupostos da sociolinguística e dialetologia – foi desenvolvida na região de integração do Marajó, mais especificamente no município de Ponta de Pedras, que compõe o arquipélago do Marajó.

Sob tal ótica, o presente artigo é subdividido em seções: esta, introdutória; a segunda, apresentando um breve diálogo sobre a dialetologia; a terceira, acerca do fenômeno da despalatização; a quarta, em que é feita a descrição do campo da pesquisa, a quinta seção, em que se descreve a metodologia aplicada; e, por último, as considerações finais e referências.

2 OS DIALETOS FAZEM AS LÍNGUAS

A partir do pressuposto de que todas as línguas naturais apresentam uma dinâmica inerente, compreende-se que tal fato faz com que surjam formas diferentes equivalentes ao mesmo significado. Tal variação, em nível fonético-fonológico, morfossintático ou lexical, contrapõe usos de regiões do território nacional ou de grupos sociais distintos e é o que constitui o objeto de estudo da dialetologia e da sociolinguística.

Interpretada como um subtópico da linguística que estuda as línguas no âmbito da comunidade falante, a sociolinguística realiza suas intervenções em correlação com os aspectos do sistema linguístico e

social, com foco na variação, o que, segundo Mollica (2008), é um princípio universal das línguas, passível de ser descrita e analisada. Tal fato implica, no viés sociolinguístico, a heterogeneidade da língua como passível de sistematização, ou seja, previsível em lugar de aleatória.

Tendo em vista que a dialetologia é a ciência que estuda os dialetos, compreende-se que ela tem como tarefa a promoção do estudo das variantes de uma língua, isto é, de forma sistêmica, interpretar os traços linguísticos que os dialetos apresentam de forma comparativa. Sob esse viés, entende-se que dois aspectos são fulcrais no que concerne à questão: o reconhecimento das divergências ou das semelhanças que a língua reflete, além disso, o elo entre as diversas manifestações linguísticas documentadas entre elas ou a ausência de registros.

Assim, observa-se que a dialetologia estuda a língua tendo como enfoque uma perspectiva espacial-geográfica, ou seja, estuda as peculiaridades linguísticas existentes na língua de diferentes regiões, visando descrever e associar os variados dialetos. Tendo em vista que um dos métodos mais utilizados pela ciência em questão é a geografia linguística, Dubois (1995) afirma que

> O termo dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia lingüística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites. Emprega-se também para descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família (DUBOIS, 1995, p. 185).

A partir disso, compreende-se que a geografia linguística é o método da dialetologia. Tem como pioneiros Georg Wenker, que documentou a realidade dos usos que se registravam na Alemanha, cujo estudo reflete as dificuldades advindas de uma coleta de dados feita por correspondência, o que significa dados não observados in loco, com profundas implicações para o tratamento de informações fonéticas, sendo, porém, uma obra muito significativa para o avanço da dialetologia; e Jules Gilliéron, na França, considerado atualmente como o fundador da geografia linguística como método de investigação científica, no que foi seguido por Gaston Paris, o grande impulsionador e divulgador do seu trabalho, uma vez que esteve preocupado em coletar dados relacionados às questões dialetais em diversas localidades francesas. Tal fato foi fundamental, pois, a partir de seu Atlas Linguístico da França – o ALF1 (ano), a geografia linguística ganhou *status* de ciência.

No Brasil, como forma de compensar os aspectos sociais isentos na abordagem da sociolinguística tradicional, Razky (1998) apresenta a geossociolinguística, que, grosso modo, é a união do aparato metodológico da sociolinguística com o da geolinguística. Para suprir os limites dessas duas vertentes, a geossociolinguística é fundamental, uma vez que os estudos da sociolinguística priorizam a dimensão social e local, enquanto os estudos da geolinguística limitam-se ao aspecto espacial e à estratificação social

mínima, como se pode apreciar no Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA *et al*., 1987) e no Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994).

3 O FONEMA PALATAL /LH/ E A SUA DESPALATALIZAÇÃO

A princípio, é válido pontuar que, dentre os diversos fenômenos que permeiam a variação do /ʎ/, não se pode deixar de destacar a despalatalização que ocorre nesse fonema. Nesse ínterim, ter conhecimento quanto às propriedades articulatórias de um fonema é relevante, visto que possibilita ao pesquisador, cometer menos equívocos quando no período de transcrição dos dados, este se torna um fator imprescindível.

Diante disso, considere-se tal aspecto articulatório desse som consoante palatal lateral que, em português, ocorre apenas em posição intervocálica e que graficamente corresponde ao dígrafo "lh". Quanto a isso, Aragão (1996, p. 70) afirma que "a despalatalização, definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual".

Ademais, a despalatalização é um fenômeno fonético que ocorre devido ao enfraquecimento do contato linguopalatal, diminuindo a área de contato, encurtando-o para frente ou para trás. Desse modo, pode-se afirmar que as consoantes palatais ou palatalizadas regridem para a região anterior ou posterior, como historicamente em *coelu kelu>celu>seu* (céu), o que, sincronicamente, é o que se convém chamar de "tendência ieisante" da língua, que ocorre na passagem de /ʎ/ a /y/.

Após essa breve conceituação do fenômeno em questão, destaca-se a necessidade de compreensão, isto é, da ligação entre o espaço geográfico e os fatos linguísticos. Por conta disso, é fundamental entender que o fenômeno da iotização é evidente em áreas interioranas do estado, como em Ponta de Pedras, município da Ilha do Marajó, devido ao seu reflexo historiográfico na própria língua. Diante disso, é válido destacar um breve itinerário histórico das alterações sofridas pelo fonema.

Ao se analisar do latim ao português, como apresentadas por Silveira (1988), os grupos de consoantes intervocálicos do tipo -pl-, -cl-, -bl-, -gl-, -ly-, -gl- e -ly- passam a -lh- como em: *espec(u)lu*>espelho; *teg(u)la*>telha; e *filiu>filyu*>filho. Na evolução da língua portuguesa, a palatização possibilitou o desenvolvimento de quatro consoantes que não existiam anteriormente no sistema fonético latino, na ordem constritiva: uma chiante surda; uma chiante sonora; uma nasal palatalizada (nasal palatal) e uma líquida lateral palatalizada (lateral palatal).

No estado do Pará, no *lócus* da pesquisa, o fenômeno da despalatização também já foi estudado no Atlas Linguístico do Pará e no ALISPA, Atlas Linguístico Sonoro do Pará, trabalho este, baseado na metodologia de Razky (1988), em que a variação foi evidenciada a partir da análise dos vocábulos, tais como: mulher, abelha, olho, joelho, família, velho, entre outros.

Além disso, é fundamental ressaltar que as informações obtidas nos variados estudos acerca do fonema palatal lateral /lh/ direcionam-nos à necessidade de busca pela maior quantidade de dados descritivos e análise da variante, visto o aspecto fonético instável do fonema, para que se possa externar com precisão seus condicionamentos linguísticos.

Ainda, um ponto semelhante entre as diversas discussões e contribuições dos autores acerca do tópico em questão é o fato de que a ocorrência desse fenômeno está diretamente relacionada aos falantes com menor escolaridade e aos moradores de zonas distantes dos grandes centros urbanos.

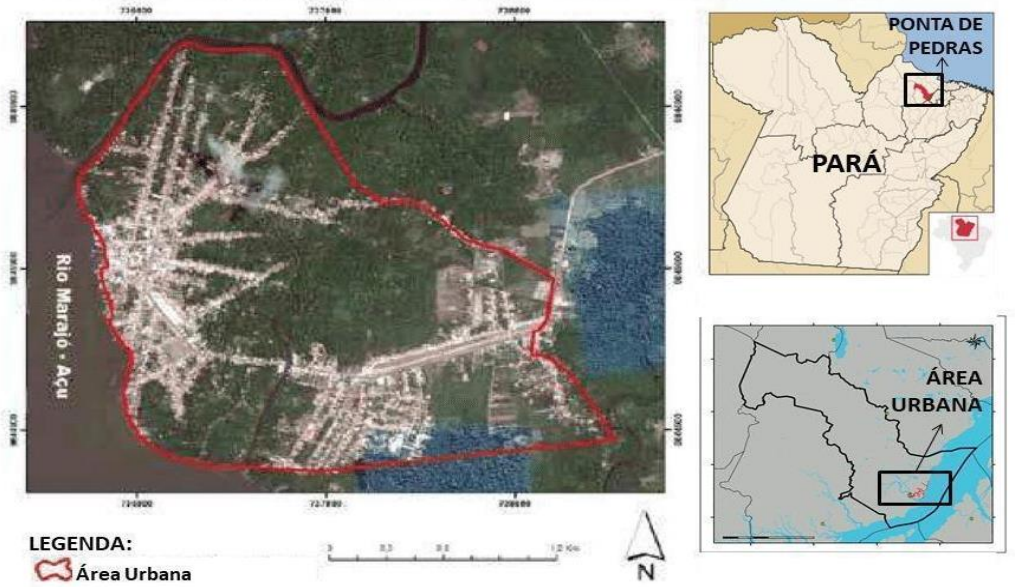
4 OS LÓCUS FAZEM AS LÍNGUAS

Quanto às cartas elaboradas, destaca-se que seu desenvolvimento foi baseado no método descritivo-exploratório, isto é, com abordagem quantiqualitativa das descrições sociais, que têm como foco os significados dos sujeitos que os constroem.

No que concerne à pesquisa dialetal na perspectiva da geolinguística, a escolha dos pontos de inquérito é o primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa. Para isso, foram levados em consideração a posição geográfica, conforme Ferreira e Cardoso (1994). Além disso, é válido pontuar que o levantamento bibliográfico sobre a região foi de extrema relevância para o reconhecimento dos fatores históricos e políticos da comunidade. A Ilha do Marajó, arquipélago onde localiza-se o município de Ponta de Pedras, foi selecionada como *lócus*. Ponta de Pedras, localidade com menos de 50.000 habitantes, tem como sustentáculo a agricultura, a pecuária, o extrativismo e os estabelecimentos comerciais.

A Imagem 01 ilustra a localização do município de Ponta Pedras a partir de sua projeção cartográfica.

Imagem 01 – Mapa de Município de Ponta de Pedras/PA



Fonte: IBGE (2013).

É importante destacar que, para a pesquisa, a área urbana foi dividida e identificada com quatro pontos linguísticos, os bairros Carnapijó, Campinho, Centro e São João, conforme sugerem Ferreira e Cardoso (1994).

Quanto aos colaboradores da pesquisa, compreende-se, segundo Cardoso (2010), que os aportes da dialetologia devem ser respeitados, na composição da população amostral, alguns critérios configuram o perfil desejado para o tipo de pesquisa que se propõe realizar. Diante disso, segue-se a lógica de Aguilera *et al.* (2001) ao optar por sujeitos que atendem aos seguintes requisitos:

a) serem nativos do ponto linguístico pesquisado;
b) não terem vivido mais de ⅓ de suas vidas fora do lugar onde nasceram;
c) quanto ao nível socioeconômico, todos deveriam possuir renda igual ou inferior a dois salários mínimos, vigente à época da pesquisa;
d) quanto à faixa etária, devem estar situados em uma das duas: adulta (a partir de 50 anos) e jovem (entre 18 e 30 anos), pela impossibilidade de se documentar três diferentes faixas etárias, foram selecionados 16 sujeitos, de ambos os sexos, de baixa escolaridade e dentro dos critérios para a realização desta pesquisa como mostra o quadro abaixo.

Quadro 01 – A composição da amostra

PONTOS	SUJEITOS	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
1	1	F	57 ANOS	ANALFABETO
	2	F	70 ANOS	ANALFABETO
	3	M	83 ANOS	3° SÉRIE INCOMPLETA
	4	M	61 ANOS	2° SÉRIE
2	5	F	55 ANOS	3° SÉRIE
	6	M	72 ANOS	4° SÉRIE INCOMPLETA
	7	M	66 ANOS	ANALFABETO
	8	F	90 ANOS	ANALFABETO
3	9	F	77 ANOS	ANALFABETO
	10	F	65 ANOS	ANALFABETO
	11	M	72 ANOS	ANALFABETO
	12	M	88 ANOS	ANALFABETO
4	13	F	50 ANOS	ANALFABETO
	14	M	70 ANOS	ANALFABETO
	15	F	67 ANOS	ANALFABETO
	16	M	78 ANOS	ANALFABETO

Fonte: Lima (2019).

Os instrumentos utilizados para a composição da amostra englobam o uso de tecnologias como celular (gravador de voz) e acessórios (etiquetas de identificação, máquina fotográfica, bloco de notas etc.), sendo esse o aparato técnico para a documentação das formas linguísticas encontradas na localidade pesquisada de forma segura e com qualidade. Para a constituição do *corpus*, foram analisadas todas as ocorrências transcritas foneticamente, sendo agrupadas as variantes consideradas diferentes no nível fonético e fonológico de maior frequência registrada, isto é, superiores a 50%.

5 DO PERCURSO ATÉ AQUI

Acerca dos resultados obtidos no presente trabalho, é válido salientar que o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Atlas Linguístico do Brasil (AGUILERA *et al.*, 2001) é composto por 12 questões referentes ao fenômeno da despalatização de lh. Contudo, optou-se pela elaboração de somente sete cartas que apresentam diferentes porcentagens de variantes encontradas, como apresentado no quadro de resultados:

Quadro 02 – Resultados encontrados

RESULTADOS											
PONTOS LINGUÍSTICOS											
Nº DA QUESTÃO	PALAVRA	CARNAPIJÓ		CENTRO		CAMPINHO		SÃO JOÃO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS	TOTAL %
		Nº	VARIANTES OCORRÊNCIAS	Nº	VARIANTES OCORRÊNCIAS	Nº	VARIANTES OCORRÊNCIAS	Nº	VARIANTES OCORRÊNCIAS		
23	GRELHA	4	[ˈgrɛʏa]	4	[ˈgrɛʌa]	4	[ˈgrɛʌa]	3 1	[ˈgrɛʏa] [ˈgreʏa]	8	50%
25	COLHER	2 2	[kuˈʏɛ] [kuˈʌɛh]	2 2	[kuˈʏɛh] [koˈʏɛ]	4	[kuˈʌɛh]	2 1	[kuˈʏɛ] [koˈʏɛh]	9	56,25%
44	ABELHA	4	[aˈbeʏA]	4	[aˈbeʏA]	4	[aˈbeʏA]	4	[aˈbeʏA]	16	100%
112	OLHO	2 1 1	[ˈoʏU] [ˈʒoʏU] [ˈʒɔʏ]	1 3	[ˈoʏU] [ˈʒɔʏ]	4	[ˈʒɔʏU]	4	[ˈʒɔʏU]	16	100%
114	ORELHA	4	[oˈreʏa]	4	[oˈreʏa]	3 1	[oˈreʏa] [oˈreʌa]	2 2	[oˈreʏa] [oˈreʌa]	13	81,25%
122	JOELHO	4	[ʒuˈeʏ]	3 1	[ʒuˈeʏ] [ʒuˈeʏU]	4	[ʒuˈeʏU]	4	[ʒuˈeʏU]	16	100%
129	MULHER	1 3	[muyˈɛ] [muˈʌɛ]	3 1	[muyˈɛ] [muˈʌɛ]	2 2	[muyˈɛ] [muˈʌɛ]	4	[muyˈɛ]	10	62,5%

Fonte: Lima (2019).

Os dados apresentados no Quadro 02 indicam os resultados alcançados em relação aos sete itens verificados. A despalatalização de lh na palavra grelha corresponde a 08 ocorrências, o equivalente a 50% das vezes.

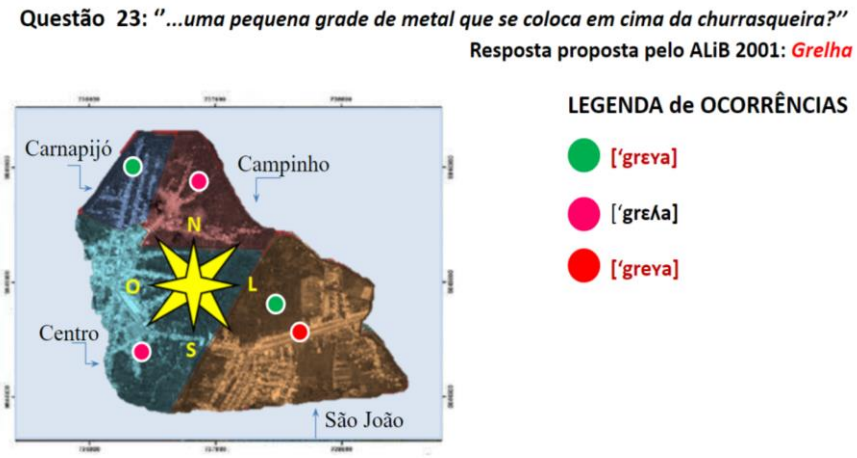
Diante disso, partiu-se do princípio de que o estudo precisa também ser analisado na perspectiva da relação diatópica e diastrática do sujeito em sua comunidade ou região, permitindo fazer análises multivariadas com programas computacionais, gerando tabelas, gráficos e cartas.

Logo, os dados coletados nos quatro pontos linguísticos em que foram realizadas as pesquisas foram quantificados e comparados na perspectiva da fonética e fonologia. Além disso, é essencial pontuar que todas as variantes de caráter lexical foram negligenciadas, tendo em vista que não é o foco da pesquisa.

Conforme foi realizada a análise do fenômeno variável em questão, 10 de 12 questões presentes no QFF do ALiB foram aproveitadas, catalogando-se, assim, um número elevado de resultados. Contudo, devido ao número reduzido de informações para o trabalho em questão, selecionaram-se 7 cartas em que o fenômeno é representado.

Cada carta recebeu uma numeração de 01 a 07, juntamente com uma questão referente ao Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (AGUILERA et al. 2001), que faz menção ao fenômeno variável da despalatização, seguindo a cada carta uma breve análise dos seus respectivos resultados.

Imagem 03 – Carta Nº 01 QFF



A primeira carta fonética, referente à questão 23 do QFF do ALiB, propõe como resposta esperada ao questionamento: grelha, o que implicaria na manutenção /grelha/. Entretanto, como observado, a presença da manutenção foi de 50% somente. Enquanto os outros 50% referem-se às variantes da despalatização: /gréia/ e /grêia/. Além disso, observou-se que, quanto aos pontos linguísticos, ao se comparar os dados, a variante /gréia/ ocorreu em dois dos quatro pontos, tendo uma ocorrência registrada nos pontos de inquérito de 50%.

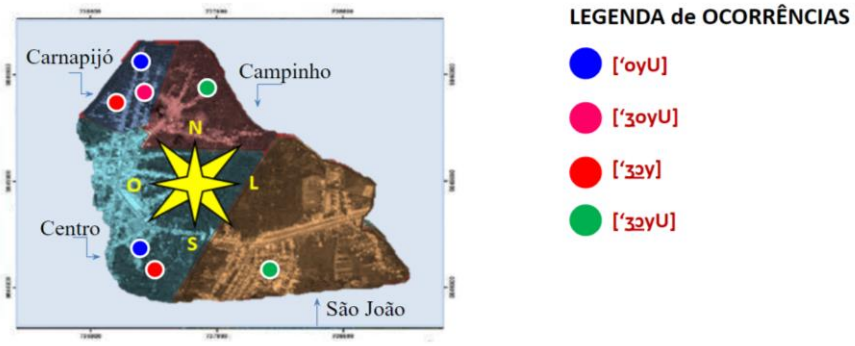


A carta fonética de número 02 evidencia a manutenção: /culher/ dentre as variantes que apresentam o fenômeno da despalatização em dois dos quatro pontos de inquérito, sendo observada nos bairros do Carnapijó e Campinho em 43,75%. Além disso, é válido ressaltar que a segunda carta fonética, que faz menção à questão 25 do QFF do Atlas Linguístico do Brasil, apresentou um total de 9 ocorrências, o que corresponde, em porcentagem, o equivalente a 56,25% das ocorrências observadas.

CARTA QFF 03

Questão 112: ***"Qual o nome da parte do corpo responsável pela nossa visão?"***

Resposta proposta pelo ALiB 2001: ***Olho***



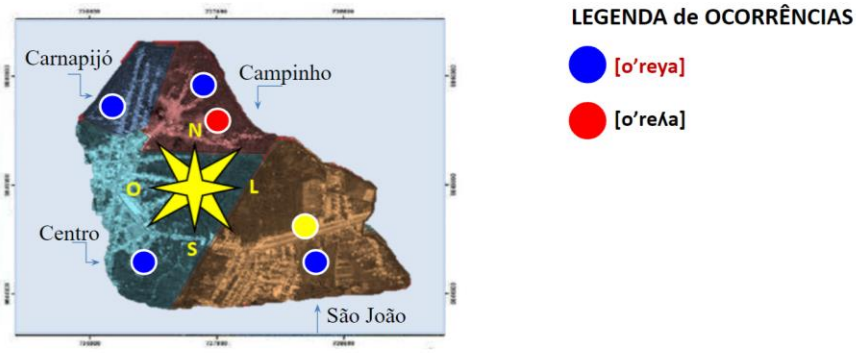
A terceira carta fonética, correspondente à questão 112 do Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (AGUILERA *et al.*, 2001), ilustra a ausência de manutenções, junto à diversidade de variantes referentes ao fenômeno da despalatização em todos os campos de inquérito, totalizando assim 100% de ocorrências na fala dos 16 sujeitos que participaram da pesquisa em questão.

Considerou-se que o fator de descontração no momento da entrevista foi crucial para a obtenção da ocorrência na fala não monitorada pelos sujeitos da pesquisa. Ademais, quanto aos pontos de inquérito, observou-se que no bairro do Carnapijó foi coletado o maior número de variantes, sendo elas: /zói/, /zoiu/ e /oiu/.

CARTA QFF 04

Questão 114: ***"Qual o nome o nome da parte do corpo responsável pela audição?"***

Resposta proposta pelo ALiB 2001: ***Orelha***



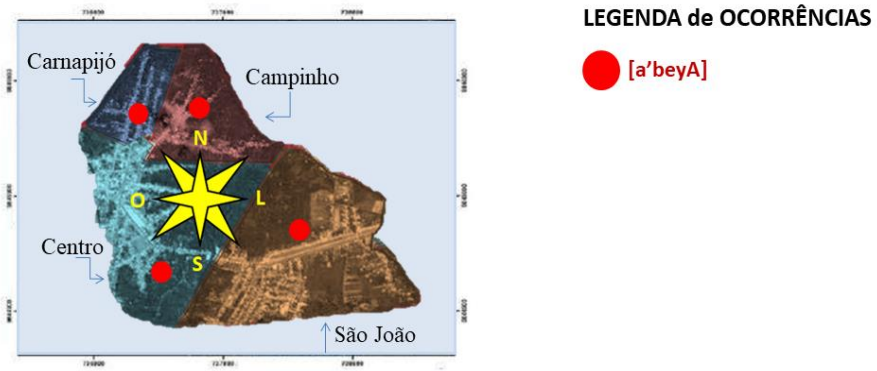
A carta de número 04 apresentou o fenômeno da despalatização nos quatro pontos de inquérito com a ocorrência da variante /orêia/, além de uma manutenção, minoritária, em dois pontos de inquérito, São

João e Campinho. Tal manutenção corresponde ao Atlas Linguístico do Brasil (2001): /orelha/. A carta em questão, como observado, evidencia 13 ocorrências do fenômeno, o que corresponde a 81,25%.

CARTA QFF 05

Questão 44: "Um inseto que carrega pólen das flores, vive em colméias e fabrica mel..."

Resposta proposta pelo ALiB 2001: *Abelha*

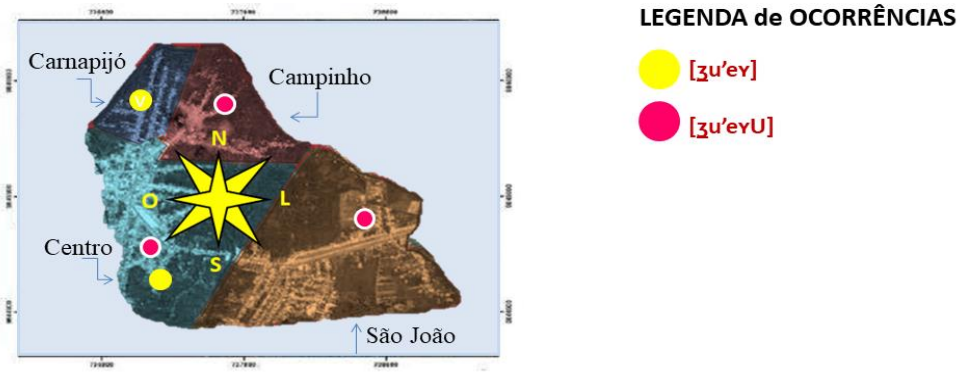


A carta de número 05 possui como resposta proposta pelo Atlas Linguístico do Brasil (AGUILERA et al, 2001): abelha. Observando as ocorrências em todos os pontos de inquérito foi possível captar 100% de ocorrências do fenômeno da despalatização na fala dos sujeitos marajoaras. Ademais, é válido pontuar que não houve a presença da manutenção, que consiste na resposta: /abelha/.

CARTA QFF 06

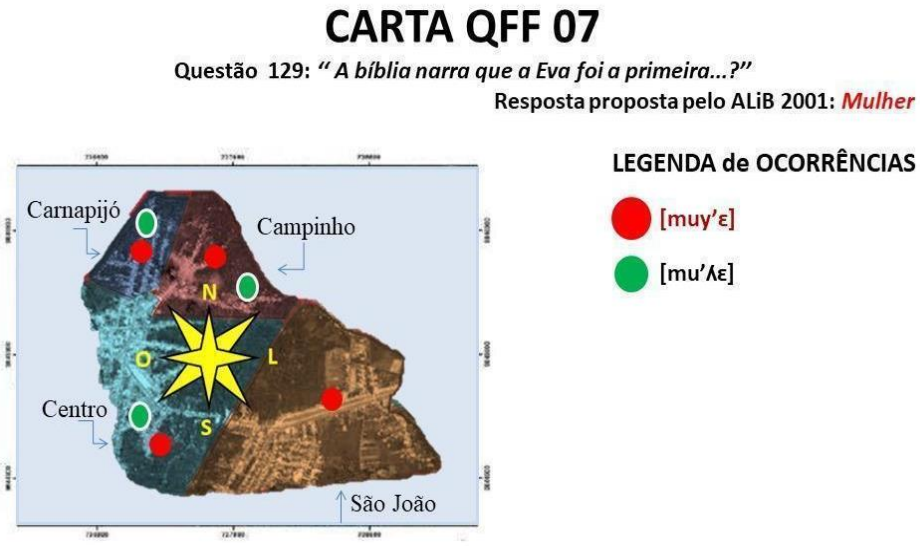
Questão 122: *"Como se chama essa parte do corpo...(referindo ao joelho)?"*

Resposta proposta pelo ALiB 2001: *Joelho*



A sexta carta referente ao fenômeno da despalatização na fala dos moradores de Ponta de Pedras evidencia a ausência de manutenções, apresentando como resultado de ocorrências do fenômeno 100% de evidências. Apesar de apresentar 100% de ocorrências do fenômeno analisado, a resposta à questão de número 122 apresentou duas variantes: /juei/ e /jueiou/.

Quanto aos pontos de inquérito, observou-se que a variante /jueiu/ aparece em três dos quatro pontos, totalizando 75% dos territórios analisados, enquanto a segunda variante, /juei/, aparece em dois dos três lócus da pesquisa, os bairros Carnapijó e Centro.



A carta de número 07 faz menção à questão 129 do Questionário Fonético e Fonológico do ALiB (AGUILERA *et al.,* 2001), em que se tem como resposta esperada: /mulher/. Quando observado, os dados evidenciaram a presença do fenômeno da despalatização em todos os pontos de inquérito: Carnapijó, São João, Campinho e Centro. Contudo, houve a presença da manutenção /mulhé/ em três dos quatro lócus da pesquisa.

Por fim, O Gráfico I ilustra o percentual de resposta, de forma ilustrativa, acerca dos resultados obtidos durante a pesquisa.

Gráfico I – porcentagem de respostas à pesquisa



Fonte: Lima (2019).

Como observado, o fenômeno foi captado em sua maioria, representando 60% das respostas, enquanto a presença da manutenção ilustra 30% das respostas obtidas. Somado a isso, os 10% restantes representam as não respondidas ou que não souberam responder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do fenômeno da despalatalização do "lh" no português na presente pesquisa, observou-se a relevância do reconhecimento que tal fenômeno apresenta nas variedades regionais do português, não sendo universalmente aplicável a todas as variantes do idioma. Além disso, além de possuir influências históricas e geográficas, observou-se que as comunidades linguísticas desenvolvem padrões de fala distintos ao longo do tempo.

Somado a isso, o fenômeno contribui para a diversidade linguística dentro da língua portuguesa, o que reforça a riqueza cultural e linguística, ressaltando a valorização e preservação dos diferentes falares. Por fim, diante dos fatos supracitados, é válido salientar que o registro em cartas fonéticas e a sua devida comparação com outros dialetos são essenciais para o conhecimento das muitas facetas do português falado no Brasil.

Assim, compreende-se que evidenciar o aspecto heterogêneo da língua contribui concretamente para que se desconfigure o mito da língua única. Do exposto, pode-se inferir que os objetivos foram alcançados, haja vista que registrar em cartas tal fenômeno não descrito anteriormente na localidade e compará-lo foram tarefas importantíssimas para a compreensão das várias facetas do português falado no Brasil. Além disso, os dados coletados nos quatro pontos linguísticos evidenciam a presença de ocorrências do fenômeno da despalatização superior às ocorrências de manutenções, o que revela o modo como a comunidade linguística local categoriza o mundo, isto é, a realidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ABAURRE, Maria Luiza. Introdução à fonologia do português brasileiro. São Paulo: Ática, 2001.

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2007.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARCELOS, José Carlos. A despalatalização no falar dos ribeirinhos do Arquipélago do Marajó. Revista da Abralin, v. 19, n. 1, p. 215-234, 2020.

BARCELOS, José Carlos; SANTOS, Renata dos. Fonética e fonologia do português do Pará: um estudo sobre processos de variação. Revista Linguasagem, v. 12, n. 2, p. 45-66, 2019.

BIDERMAN, Maria Tereza. Introdução à análise morfológica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sociolinguística histórica. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Cristiane Figueira de. A variação linguística no ensino do português. São Paulo: Contexto, 2009.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino. O ensino da língua e a prática da análise linguística. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Gláucia V. Variação fonológica. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.

ZILLES, Ana Maria. O ensino de língua portuguesa: perspectivas para a formação do professor. São Paulo: Contexto, 2006.